

**DARKVISION**

APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

# DARK

ANTES QUE DE MIM RESTEM  
SOMENTE AS CINZAS

PAULO RAVIERE



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





**DARKVISION**  
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

**PAULO RAVIERE**

# **ANTES QUE DE MIM RESTEM SOMENTE AS CINZAS**

**PAULO RAVIERE**

Sou uma pessoa comum, ordinária até, embora possua dotes sobrenaturais. Dotes esses que me trazem mais dissabores que benefícios. Detesto a palavra corriqueira para se referir a quem consome sangue humano, porque ela romantiza a situação. Detesto até mesmo mencioná-la, pois não faço isso por opção, e sim por instinto. Não sou perverso. Então prefiro um termo técnico, “hematófago”, que não carrega em si todas aquelas conotações herdadas do imaginário gótico europeu: caninos protuberantes, olhos amarelos, rostos pálidos, capas pretas, espelhos vazios, teias de aranha, cálices, castiçais, correntes, morcegos, masmorras, hipnose, metamorfoses, gestos refinados, talento artístico, grandes fortunas, rituais orgíacos, toda essa presepada. Jamais entrei num castelo ou dormi num caixão — morro de medo (fora o calor que

deve fazer lá dentro). As únicas coisas verdadeiras em toda a ladainha que os personagens adoram ventilar nos filmes de terror são a heliofobia, o consumo de sangue, e a idade perpétua. Ah, e um certo horror ao alho: desde que me tornei um hematófago, o alho me causa uma repulsa quase alérgica, o que é um grave problema para quem vive na Bahia. Meus instintos sobrenaturais me afastam das cozinhas onde proliferam esse pernicioso tempero (quase todas elas). Antes de minha metamorfose eu não tinha nada contra... mas acho que não preciso falar disso. Muita gente comum também detesta. Podemos focar na heliofobia, no consumo de sangue, e na idade perpétua.

Dessas três coisas, a que mais me incomoda cotidianamente é a heliofobia, porque, convenhamos, Salvador arde. É um vulcão que todas as manhãs entra em erupção e derrama, escorre, esparrama-se por cima da cidade. Esses jorros de luz tentam se infiltrar como assaltantes por qualquer frestinha que aparece em minhas cortinas grossas. Meus dias são longos; vivo enfurnado. Contudo não desperdiço o dia inteiro dormindo. Em vez disso, vejo filmes de vários gêneros e leio matérias virtuais sobre coisas como as origens das palavras, as grandes batalhas ou os mistérios do planeta. A maior parte dessas últimas é invencionice ou bobagem, nada extraordinário, mas uma vez li um comentário anônimo que descrevia a minha estirpe com uma precisão surpreendente. Tenho uma rotina cansativa, mas era muito pior quando não existia internet e eu passava o dia inteiro na frente da televisão. Não é nada fácil viver sem poder sair durante o dia. Exalo modorra por todos os poros. Quem ficou de quarentena sabe do que estou falando.

Embora não me incomode tanto quanto a heliofobia, devo apresentar mais detalhes sobre como lido com a necessidade de sangue humano. Tenho aversão a qualquer tipo de violência física, ainda que pareça contraditório consumir sangue e ser contra a violência, mas vou explicar. Sigo um código moral estrito. Veja bem, a conduta moral não depende exatamente da ideologia defendida, pois pregar é muito fácil, mas na prática cotidiana a conversa muda. Eu poderia até citar um versículo bíblico a respeito, mas seria demais para mim, dadas as minhas condições (refiro-me a minha escolha pelo ateísmo, pois nada sinto ao me deparar

com crucifixos — ou não poderia morar em *Salvador*), fora que eu teria que pesquisá-lo, pois não sei de cor. Aquele que fala da trave no próprio olho — qualquer um pode buscar por conta própria.

Mas, continuando meu raciocínio, o que não falta é moralista religioso que age como um monstro quando está oculto pelas sombras — conhecemos muitos, só que as pessoas apenas acreditam nas notícias quando elas lhes convêm. Hoje em dia nem isso, porque a perversidade se transformou em mérito pra certas gentes de bem, um mérito deturpado do qual essas pessoas se vangloriam abertamente. Caso soubessem que sou hematófago, esperariam de mim males gratuitos, como se uma coisa levasse à outra. Ou me atacariam com toda sua peçonha e virulência. Mas não é porque consumo sangue que preciso sair por aí agredindo pessoas no meio da rua. Até *poderia*, no sentido de que tenho a força e a destreza necessárias, mas *não poderia*, no sentido de ser capaz, pois, insisto, meu código moral não me permite. A questão é que conheço gente — gente mesmo, gente normal, ordinária, *natural* — que só bebe água quando não encontra sangue para beber. Gente que respira maldade, que perde o dia, se não comete nenhuma perversão. Eu poderia muito bem atacar essas pessoas — sabemos que o mal puro existe por toda parte — e o mundo certamente teria a ganhar, mas, repito, não tenho estômago para executar qualquer ato de violência. E eu é que não vou me alimentar do sangue de barata dessas gentes, não é mesmo?

Sofri violência e não desejo isso a ninguém. Foi numa noite de domingo, há algumas décadas já. Na época eu ainda era devoto a Cristo. Eu caminhava sozinho pelo Largo dos Aflitos, voltando de uma apresentação de *Sonho de uma Noite de Verão* no teatro Vila Velha que se dissipou completamente de minha memória. Naquela noite específica, o ar estava fresco, perfumado pelo salitre que a brisa marinha transportava para o cume da Ladeira dos Aflitos e até as minhas narinas; não era muito tarde, e eu estava acostumado a passar por ali à noite, a caminho de casa, que fica no meio da ladeira, portanto eu não sentia medo. Hoje em dia meu único medo é o sol, mas sei que as pessoas comuns, ironicamente, evitam o lugar após *escurecer*. Aquela noite fui atacado pelas costas,

ou melhor, pelo pescoço. Ele foi dilacerado por um hematófago voraz, feroz, atroz, muito diferente de mim — uma criatura cinzenta, careca, corcunda, decrépita, que guinchava muito alto.

*Possuído por delírios demoníacos e a sanha de rasgar a pele e afogado num riacho de sangue borbulhante e com um caldeirão de fel fervendo nas entranhas e mastigado por uma gárgula empoleirada sobre uma montanha de espinhos e trespassado por estacas em todos os orifícios e hipnotizado pela estirpe de nosferatu e atormentado pelo ópio o ódio o furor a febre a fúria.*

Acordei em casa no outro dia, encharcado de suor e sangue, mas completamente recuperado. Ao me levantar, queimei as costas numa listra de sol que penetrava pelas janelas entreabertas e me açoitou qual o chicote de um senhor de engenho. Um grosso risco fumegante salpicado de bolhas se desenhou de meu ombro esquerdo até a parte inferior da omoplata direita. Suplicante, abandonei a devoção a Cristo e nunca mais olhei para o céu, nem mesmo à noite. Pressentia ameaças do que vinha de cima. A dor era tanta que fui ao banheiro vomitar. De repente desmaiei sobre os ladrilhos brancos, como se alguém tivesse acertado uma paulada em minha cabeça. Àquela altura, eu já padecia da urgência por sangue humano.

Acho que até aqui essa questão está clara. Mas então vem a pergunta: como eu faço para consumir sangue humano sem cometer violências? Bem, trabalho no atendimento de um hospital particular em Nazaré, não muito longe de minha casa. Uni o útil ao agradável ao assumir o turno noturno. Em minha ala não é difícil passar despercebido; a não ser quando se sentem ameaçadas, essas pessoas não prestam muita atenção em gente de minha cor. Além disso, nessa ala geralmente são internados idosos com diarreia, catarros, cansaços, falta de ar. Exceto por uma ou outra visita fora de hora, por uma ou outra fatalidade, no meio da noite não há muita circulação. Vou de ônibus, depois que o sol se põe, e volto de táxi, pois não posso me arriscar a confiar nas vicissitudes de nosso deplorável sistema de transporte público, especialmente nos dias em que volto para casa com bolsas de sangue escondidas na mochila. Não muitas, pego apenas o bastante para aplacar as minhas necessidades, umas três ou quatro por semana. Eis o limite de meu código moral: o roubo.

Tentei compensar essa imoralidade tornando-me vegetariano nas outras refeições. Não estou isento daquilo que falo sobre a diferença entre *pregar* e *praticar*: prego o vegetarianismo, pois sou contra o sofrimento deliberado de outros seres, entretanto, por necessidade fisiológica, pratico o canibalismo ao consumir sangue. Obviamente, hematófagos também se alimentam de outras coisas. Cada um tem os seus gostos. Para comparação, não é só porque os carnívoros comem carne que eles comem qualquer tipo de carne. Além disso, um carnívoro come outras coisas — inclusive vegetais. Então por que haveria eu de me alimentar apenas de sangue?

Tampouco salivo ao ver uma gota de sangue saindo de um corpo, como vemos em muitos filmes por aí — muito pelo contrário. Minhas razões são emocionais. Ao modo de um pândego que desperta após um festim e encontra sua casa impecavelmente organizada, ao despertar no banheiro horas depois, percebi que a queimadura nas minhas costas havia se curado. Na noite daquele mesmo dia, atordoado devido às condições sobrenaturais recém-adquiridas, confundindo sonho e realidade, ignorando como tinha chegado em casa na noite anterior, subi a ladeira e voltei ao Largo dos Aflitos. Torcia para que o ataque, a queimadura e a gana por sangue compusessem um mero pesadelo de verão, quando me deparei com uma horrenda poça de sangue coagulado. Nos agradam as imagens de sangue lívido e reluzente na pintura gótica, no cinema gore, nos quadrinhos adultos e nos games de horror, mas na vida real uma poça de sangue é sempre uma visão terrível. Comecei a arfar; meu sistema respiratório travou. Tentando desviar os olhos da cena macabra, encontrei uma camiseta ensanguentada, e meu horror se intensificou quando me aproximei e percebi que eram os restos da camisa de botão branca com listras azuis (manchada de escarlate) que eu vestia na noite anterior. Diante daquele trapo, o sudário de minha maldição, prometi jamais causar mal semelhante a qualquer indivíduo. Ao voltar para casa anotei de modo um tanto desleixado o meu delírio demoníaco, para jamais me esquecer de minha sina infausta. É o trecho em itálico que transcrevi acima. Creio ser por conta dessa visão que o sangue cru me cause apenas repulsa. Pense assim: um belo prato de

espaguete cai no chão. A comida que segundos antes era apetitosa, em um instante desperta asco. Prefiro consumir o sangue em receitas quentes que levam leite ou molho de tomate, e certa feita apliquei algumas gotas num *bloody mary*, mas o resultado foi repugnante. Resumindo: consumo sangue apenas porque sem ele eu definho. Receio que se ficar em abstinência por muito tempo, passarei a apreciar sangue cru, pele nua, carne viva; que a privação do vil alimento desperte em mim uma besta enjaulada que me force a cometer atos dos quais me arrependerei. Acho que isso encerra a questão do consumo de sangue.

Resta-me, por fim, comentar a idade perpétua, que, se cotidianamente não me molesta, me aflige a longo prazo. Adquiri minha condição há quarenta anos, quando eu tinha 33 anos, e estou cansado de viver nessa idade. Há uma razão psicológica para não vivermos por mais do que algumas décadas: não aguentaríamos. A mente entra em parafuso. Os dias se repetem e se repetem e se repetem e se repetem e se repetem. É como se no mundo houvesse apenas um filme e você fosse obrigado a vê-lo todos os dias. Falo por mim. Talvez haja por aí hematófagos que não abram mão da vida por nada, mas a minha já expirou faz tempo. Furtaram-me qualquer possibilidade de ser feliz da maneira convencional, como eu sonhava. Minhas condições sobrenaturais vetaram-me a doçura discreta das relações afetivas; não posso sequer fazer ou receber visitas. Há quarenta anos não sei o que é carinho. Não conheço nenhum semelhante, e tenho certeza que se conhecesse não apreciaria a companhia. A perspectiva da eternidade pesa em meus ombros. A solidão esmaga meus dias. Há tempos me preparo para abandonar esta vida, carecendo apenas de coragem. Não posso me submeter à fome, à abstenção de sangue humano, para não sucumbir à loucura. A uma estaca no coração não me arrisco, pois não sei se é mais uma lenda ou se é realmente eficaz, e não estou disposto a me voluntariar à dor extrema para me livrar de uma incerteza. Resta-me, como solução, esse sol implacável que me acompanhou à distância por 73 anos. Recuso minha vil condição: esta é minha última noite. Após terminar esta carta, acorrentarei o meu corpo ao poste que fica no adro da Igreja dos Aflitos, no mirante com vista para a Baía de Todos os Santos. Tenho esperanças de

ver o céu e o mar pela última vez, antes que de mim restem somente as cinzas. Meu corpo se reduzirá a carbono após a aurora. Ao pó finalmente retornarei, e serei mais um dos “Emigrantes sombrios que se embarcam para as plagas sem fim do outro mundo”, como dizem as palavras de nosso ilustre poeta.

Com tais versos me despeço,

Francisco Hélio

Esse conto compartilha o calor inclemente e a cidade de Salvador, onde encontramos personagens que também são fieis a códigos morais escritos, com o romance de Paulo Raviere *Todos se Lavam no Sangue do Sol*, lançado em novembro de 2022 e publicado pela DarkSide® Books.

**PAULO RAVIERE** nasceu em Irecê-BA, em 1986. É editor da DarkSide® Books, pela qual publicou traduções de obras de Robert Louis Stevenson, Joseph Conrad, Clive Barker, Bret Easton Ellis, Donald Ray Pollock, entre outros, e seu primeiro livro, o romance policial *Todos se Lavam no Sangue do Sol*. Saiba mais em [raviere.wordpress.com](http://raviere.wordpress.com).



UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)